
Uma leitura etnográfica de *O Candomblé da Bahia* de Roger Bastide

Mirella de Almeida Braga¹

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição para uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985.

Aspectos biográficos e contextuais da obra

Este ensaio propõe uma leitura etnográfica crítica da obra *O Candomblé da Bahia: rito Nagô*, de Roger Bastide. Nascido em Nimes, França em abril de 1898, no seio de uma família protestante, desde muito jovem se interessa por temáticas religiosas e dedica parte de seus estudos ao candomblé. Roger Bastide (1898 - 1974) chegou ao Brasil em 1938 para ocupar a cátedra de Sociologia I, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo – USP, deixada vaga por Claude Lévi-Strauss. Bastide dedicou seu trabalho ao estudo de ‘manifestações religiosas de matriz africana’, com experiências etnográficas na Bahia e em São Paulo, além das pesquisas realizadas no Nordeste da África, transitando pela Nigéria e por Daomé (atual República do Benin). No Brasil, seus interesses pessoais e profissionais voltam-se especialmente para o Candomblé, iniciando sua pesquisa nos anos 1940 na Bahia.

Em *O Candomblé da Bahia* (1961), Bastide entrelaça observações de ordem teórica e metodológica com a descrição de cerimônias feitas em homenagem e em razão de deuses que atravessaram o Atlântico para instituir no Brasil uma morada de novos sentidos espirituais. Seu encantamento pessoal diante de uma manifestação religiosa tão bela e complexa é notório ao leitor e reflete que Bastide foi afetado pela vivência em campo (Favret-Saada, 1990). Durante cerca de nove meses ele levanta informações em arquivos e em bibliografias, produzindo registros visuais, observando e participando de rituais. Seu texto, de agradável leitura, narra

¹ Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – PPGA/UFPE. Pesquisa de doutorado “Alteridades no processo de se tornar judeu: entre dinâmicas étnico-religiosas locais e instituições judaicas nacionais e internacionais” financiada pela FACEPE. Bacharela em Direito – ASPER/INPER. Licenciada em História – UFPB. E-mail: profabragad@gmail.com

pessoas, objetos, lugares, paisagens, performances, sempre procurando apoio em dados apresentados por pesquisadores brasileiros como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro, René Ribeiro, Manuel Querino, dentre outros. Bastide propõe uma reavaliação de tais dados. Após pesquisas realizadas no Nordeste da África, onde transitou pela Nigéria e por Daomé (atual República do Benin) chega ao Brasil com o desejo de intensificar sua análise sobre fenômenos que estruturaram aspectos da religiosidade africana e brasileira.

Para a construção da escrita etnográfica, Bastide procurou potencializar a literatura produzida sobre os candomblés por meio de uma ‘atualização’ do campo, repleta de impressões pessoais que ressignificam a interpretação dos mitos e ritos existentes. Ele opta por especificar o rito Nagô², mas não se detém apenas a ele, procura ir além. Percebendo o intenso processo de urbanização e modernização do Brasil, expressado em passagens de sua obra, Bastide situa seu leitor na complexidade das experiências de adaptação e fixação de modelos culturais advindos de certos lugares da África para as estranhas terras brasileiras.

O trabalho de pesquisa que culminou na obra *O Candomblé na Bahia foi* um bom registro da “memória africana” fora da África escrito por Bastide. O autor procurou mostrar na obra a existência de ‘dois mundos’ para o negro, dois mundos separados: o espiritual (cultural) e o material. Bastide narrou as influências africanas Nagô ao mesmo tempo em que nos possibilitou uma leitura de seus novos usos e significados estabelecidos no Brasil, no intento de afastar a ideia da possibilidade de se ‘transplantar’ uma cultura de um lugar para o outro, ainda em uso nos debates acadêmicos do período. Ele compõe um estilo mais monográfico para descrever e pensar o candomblé no seu “ritmo” próprio, nas suas variações, descortinando os elementos religiosos paulatinamente, acompanhando a boa indicação metodológica de um informante candomblecista: “a cada semana, a cada mês, ensinarei ao senhor algo de novo, pouco a pouco” (Bastide, 2001 [1961]: 25).

Do ponto de vista teórico e metodológico, seu trabalho acaba se tornando uma referência para quem se aventura em estudos sobre religiões de matriz africana, já que Bastide evidenciou no texto diversos elementos, desde a arte, a indumentária e o rito em si que a forma religiosa do candomblé expunha. O autor apresentou ao leitor dados e argumentos etnográficos (Jacobson, 1991) sobre o candomblé, desde sua estética nagô como uma arte profundamente

² Nagôs ou Anagôs era a designação dada aos negros escravizados e vendidos na antiga Costa dos Escravos e que falavam o iorubá. Os iorubas, iorubanos ou iorubás são um povo do sudoeste da Nigéria, no Benim e no Togo. Historicamente, habitavam o reino de Ketu, na África Ocidental. Durante o século XVIII e até 1815, foram escravizados e trazidos em massa para o Brasil durante o chamado "Ciclo da Costa da Mina", ou "Ciclo de Benin e Daomé". "Nagô", nome pelo qual se tornaram conhecidos, no Brasil, os africanos provenientes da Iorubalândia. Maiores informações disponíveis em: <http://dicionariportugues.org/pt/nago>

ligada ao ritual, até o modo de fazer e pensar das mães e pais de santo, diferenciando sua escrita, aproximando o leitor da manifestação religiosa que ocorre no candomblé, enfatizando a importância dos dados apresentados pelo pesquisador/observador para compor uma boa etnografia.

Sherry Ortner (2006: 90) define a teoria como a série de "estruturas de pensamento" - incluindo conceitos, metáforas e narrativas que fornecem estruturas interpretativas para dar sentido à evidência. Ela também escreve que a teoria "mapeia o mundo de uma maneira que [podemos] entender a relação" entre diferentes tipos de reivindicações de conhecimento e maneiras de conhecer. Para tal pensamento da autora trabalhamos com a ideia de que Bastide caracterizou em notas sobre o culto vivido na Bahia, definindo desde a estética até a participação dos homens e mulheres no ritual do candomblé, a partir da perspectiva da memória de muitos frequentadores do candomblé nagô baiano.

Influências teóricas na experiência etnográfica bastidiana

O Candomblé na Bahia foi considerado a primeira experiência propriamente etnográfica de Bastide, com uma imersão intensa do autor em campo junto aos terreiros de candomblé. Na Introdução e nos capítulos que compõem a obra, o leitor é convidado ao debate teórico e a releitura de alguns clássicos que são evidenciados para dar corpo às suas teses. Apresenta-se na obra o debate das concepções teóricas de autores como René Ribeiro, Édison Carneiro, Nina Rodrigues, e tantos outros que promoveram estudos sobre as crenças religiosas, datados de 1896, na intenção de explicitar os avanços dos argumentos etnográficos de sua obra, trazendo-os como uma complementação de sua escrita, mas sempre produzindo "novos olhares" sobre o candomblé. Assim, Bastide confirma a inovação de sua proposta etnográfica e a própria singularidade do candomblé baiano:

Não negamos o interesse de todos esses estudos. Nossa tese principal foi consagrada ao problema das transformações, das interpenetrações e das metamorfoses resultantes do contato entre civilizações. Mas, mesmo que os traços de "culturas" africanas tenham sofrido modificações, na verdade o Candomblé não deixa de construir um sistema harmonioso e coerente de representações coletivas e de gestos rituais. (Bastide, 2001 [1961]: 23-24)

Fernando Henrique Cardoso (2001) descreveu Bastide como um profundo conhecedor da literatura brasileira. Fernando Henrique Cardoso foi aluno do Roger Bastide na USP e guardou com grande "cuidado" as lembranças do mestre francês. Lembrou em comentário feito no prefácio da versão brasileira da obra *O Candomblé na Bahia* que, além de clássicos franceses como Durkheim e Halbwachs, uma das grandes referências de Bastide foi Gaston

Bachelard, que contribuiu para promover na obra de Bastide um “rigor etnográfico admirável”. Para Bachelard (1972), o conhecimento se constrói por um rompimento como conhecimento comum e com a intuição imediata, realçando o trabalho do cientista. Para Cardoso, “são admiráveis o rigor etnográfico, a compreensão do fenômeno religioso e a interpretação de seu significado na civilização africana e brasileira.” (Cardoso, 2001: 18).

A tese bastidiana se preocupou em evidenciar a singularidade dos ritos do candomblé nagô. Por isso, o autor insistiu em dizer que compreendeu “o candomblé como realidade autônoma, sem referência à história ou ao transplante de culturas de uma para outra parte do mundo” (2001 [1961]: 24). Peter Fry (1986), avaliando a obra de Bastide no seu contexto histórico, defendeu que o autor não propôs nada de novo em relação aos estudos anteriormente realizados sobre a temática das religiosidades de matriz africana no Brasil. Antes de Bastide, nos chamou atenção Fry, que as obras de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, René Ribeiro, Manuel Querino e Édison Carneiro quebraram pesadas barreiras socioculturais e acadêmicas ao abordar “racional” a complexidade dos fenômenos vivenciados no candomblé.

Por meio do exercício da leitura etnográfica da obra de Bastide, avalio que o autor respeitou a dignidade dessas fontes bibliográficas, trazendo outros elementos reflexivos, por vezes exageradamente generalistas, tributários das ciências sociais francesas e britânicas que o formaram e o inspiraram como autor. Seus dados etnográficos são confirmados pelas próprias comunidades de terreiro e possuem uma atualidade contemporânea que desafia novas pesquisas e teorias.

Em muitos momentos de *O Candomblé da Bahia*, Bastide assimilou a narrativa de algum africanista brasileiro que o antecedeu na sua tarefa de descrever analiticamente o candomblé. Tal incorporação de contribuições de pesquisas anteriores servem de base para a sua própria descrição dos pensamentos e comportamentos de pessoas concretas, para a observação dos espaços e para exercitar um olhar mais cuidadoso sobre eventos específicos do Candomblé ocorridos na Bahia, propriamente em Salvador, além do relato de histórias de vida de sujeitos reais imersos em seus cotidianos que aparecerá de modo explícito na análise estrutural do fenômeno do êxtase, das “possessões infantis” e dos “transes moderados”, especialmente no capítulo cinco da obra, bem como as descrições expressas a partir da página 187 da edição de 2001. Os dados etnográficos são, então, como já mencionados no presente ensaio, gradualmente revelados no texto acompanhando a indicação metodológica de um informante: “a cada semana, a cada mês, ensinarei ao senhor algo de novo, pouco a pouco.” (Bastide, 2001 [1961]: 25).

O quinto capítulo da etnografia bastidiana me levou a mesma observação tão bem pontuada por Thomas Csordas (2004), de que em certos tipos de textos a mera descrição é um avanço argumentativo em relação à explicação. Concordando com Ludwig Wittgenstein (1958), Csordas (2004) lembrou que a autenticidade de uma afirmação não pode ser provada, tem que ser sentida. É também nessas saborosas páginas do quinto capítulo que Bastide apresenta ao leitor imagens fotográficas de diversos momentos dos transe e possessões vividos no candomblé contemplado em sua pesquisa. Bastide compreendeu que não existem exatamente “padrões culturais” e sim que as estruturas psíquicas e os comportamentos/ações que os homens repetem (ou atualizam na “vida como ela é”), as estruturas míticas das realidades sobrenaturais. Para Bastide, o candomblé e suas entidades são porções africanas recriadas no Brasil, é a vivência dos ritos, festas e do dia a dia que reorganiza as experiências e os significados míticos, fazendo surgir a construção de realidades autônomas sobre o candomblé. Bastide citou as diferenças do candomblé no Recife, Bahia, Maranhão. “A civilização africana nos aparece como uma cultura da sensibilidade ‘natural’, o indivíduo não repete os gestos dos deuses apenas no transe, mas também em sua vida cotidiana”. (Bastide, 2001 [1961]: 238). De certo modo, o estudo de Bastide propõe uma análise situacional no estilo gluckmaniano onde eventos cotidianos concretos acabam atualizando e ilustrando camadas de complexidades da estrutura social local.

Em planos diferentes do real são encontradas as mesmas entidades. Os orixás, os Exus e os êres existem fora de nós, constituindo o mundo divino, e ao mesmo tempo dentro de nós constituindo parte de nossa estrutura íntima (Bastide, 2001 [1961]: 244).

Bastide procurou sintonizar seus dados com os debates teóricos clássicos das ciências sociais. Podemos perceber a influência de Émile Durkheim, Maurice Halbwachs, Lévi-Strauss e Edward Evans-Pritchard ao longo da obra. Ao falar em Halbwachs especialmente no desenvolvimento da ideia de “memória coletiva” Bastide descreveu fatos baseados na reconstrução da memória de muitos de seus informantes. Além de se apoiar em observações e participação em eventos e rituais religiosos, a maior parte de seus argumentos etnográficos são construídos a partir das narrativas e trajetórias individuais e coletivas que tornam o candomblé repleto de significados.

Bastide apresentou em sua obra observações e análises típicas de influências do estruturalismo levi-straussiano que movimentam o fio condutor dos seus argumentos etnográficos: “esses cultos não são um tecido de superstições, que, pelo contrário, subentendem cosmologia, uma psicologia e uma teodiceia; enfim, que o pensamento africano é um

pensamento culto” (Bastide, 2001 [1961]: 24). Também podemos estabelecer conexões do pensamento bastidiano com o patrimônio teórico do autor Evans-Pritchard (2005 [1937]) quando o mesmo defendeu a existência de uma sofisticada filosofia relacionada à bruxaria pautando os pensamentos e ações dos Azande. De certo modo, a bruxaria é onipresente na vida diária Zande assim como é onipresente na vida diária do candomblecista.

É preciso dizer que não é à toa que suas teses de doutorado³ apresentadas em 1957 são estudos conectivos, conforme Fernanda Arêas Peixoto (2001) afirmou, e que buscaram expressar uma dimensão estética dos rituais africanos, suas leis, suas lógicas próprias. Para Peixoto (2001), o pioneirismo da obra bastidiana reside no aparato conceitual apresentado pelo autor que maneja inteligentemente fontes e matrizes teóricas bastante variadas.

É importante situar e avaliar determinadas seleções, prioridades e hierarquias nas estratégias de escrita etnográfica da obra de Bastide. O etnógrafo priorizou, por exemplo, em descrever festas e ritos do candomblé preocupando-se em ser “realista” na narração detalhada de gestos, movimentos, vestimentas, objetos, sem, contudo, apelar para imagens apelativas e exóticas. Ele procurou cuidadosamente se afastar do tom sensacionalista e pejorativo dos artigos da imprensa diária da época. O autor construiu seus argumentos etnográficos a partir de pensamentos e comportamentos de determinados grupos sociais, buscando se apoiar em dados, motivos e fatos que constituam evidências favoráveis. Uma etnografia, como bem observa David Jacobson (1991), tem um ponto de vista e esse ponto de vista há de incluir e excluir dados conforme relevância dos mesmos para a pesquisa e para a escrita.

A preocupação com uma nova teoria no diálogo com os pares acadêmicos

Lendo com atenção a tese proposta por Bastide na obra ora analisada, podemos perceber que suas ponderações acerca do Candomblé envolvem sempre um diálogo com seus pares africanistas, dentro e fora do Brasil, procurando situar a si mesmo como alguém que inovou chamando atenção para certas “obviedades” que não foram anotadas pelos outros.

Quando iniciamos nossos estudos sobre o mundo dos candomblés, orientamos logo de saída a pesquisa para o lado dos babalaôs, pois tinham sido negligenciados pelos etnógrafos que nos tinham precedido. A princípio, foi simples curiosidade de africanista que não quer refazer o que já foi feito, e bem feito, antes dele, mas que deseja desbravar terrenos virgens. Mas a colheita de dados ia transformar a própria imagem que formávamos do mundo dos candomblés. (Bastide, 2001 [1961]: 113).

³ Na tradução para o português entendemos como “Etnografia das ilhas africanas” e “Sociologia dos contatos culturais”.

Jacobson (1991) chama atenção que na maioria das vezes o que antropólogo compara não são exatamente os “fatos etnográficos” de diferentes sociedades e culturas, e sim os modelos que eles próprios construíram para dar sentido aos fatos apresentados pela pesquisa. O modelo reflexivo de Bastide das “ilhas africanas fora da África” buscava justamente situar nos debates acadêmicos da época questões que transitavam entre um certo culturalismo ingênuo, que se preocupava com o fenômeno da “aculturação”, e um certo difusionismo também ingênuo, que acreditava em polos de difusão cultural espalhados pelo mundo.

É sintomático que Bastide tenha se esforçado por destacar descrições e imagens que revelam a beleza do ritual em si mesmo, em detrimento de possíveis caracterizações da pobreza e marginalidade dos negros na Bahia. Contraditoriamente, a preocupação com o processo de crescimento urbano de uma cidade como Salvador é muito mais um desejo de proteger a singularidade cultural do candomblé e de seus elementos relacionados, do que uma denúncia das desigualdades sociais da metrópole emergente.

Embora não tenha dedicado sua obra a alguma forma de “denúncia social”, sua escrita deixou transparecer o caráter de resistência física e simbólica do candomblé encravado em uma sociedade conservadora e intolerante. Os segredos guardados pelas mães e pais de santo não são apenas segredos pautados por códigos religiosos e espirituais, estão fundamentados em experiências conflituosas e violentas com outros segmentos da sociedade local.

A lei do segredo existe. Mas os chefes do culto, que muitas vezes tiveram de sofrer perseguições policiais, hesitam sobre os limites do segredo. Compreendemos muito bem que se recusem a desvendar certas sequências do ritual de iniciação [...]. (Bastide, 2001 [1961]: 25).

Há uma escolha muito calculada sobre o que será mostrado, analisado e enfatizado, Bastide tinha plena consciência e “militância” por suas escolhas. Na busca de argumentos etnográficos que levassem o leitor a interpretar a excepcional beleza e complexidade do candomblé, o autor evidenciou um excesso de determinados detalhes (Venna Das, 1998) estéticos e espirituais, selecionando performances individuais e coletivas que funcionam como “provas” que tornam sua tese plausível e convincente (Engelke, 2008).

Mas, afinal, por que Bastide não investiu com maior intensidade nas dificuldades postas por seu próprio desafio etnográfico e concentrou suas energias para compor determinadas “lacunas” deixadas por outros pesquisadores? Se Bastide avançou tanto em desmitificar certas acepções estereotipadas acerca do candomblé, propondo novos conceitos para pensá-lo como uma cultura criativamente formada no Brasil, por que ele pareceu evitar, muitas vezes, o melhor aproveitamento analítico de alguns de seus dados de pesquisa? “Não podemos estudar os vinte

e um Exus [...] Contentar-nos-emos em distinguir dois Exus, ou tipos de Exus: os Exus da terra e os Exus de ferro, que Nina Rodrigues chamava Exu-Bara e Exua-Ogum”. (Bastide, 2001 [1961]: 181).

Bastide distinguiu o candomblé baiano, em sua “autenticidade nagô” de outras formas de vivenciar os candomblés no Maranhão e em Recife. Ele defendeu que “os candomblés podem perfeitamente estar separados ou ser rivais. Estão ligados entre si por uma mesma realidade de que todos participam, a da civilização africana”. (Bastide, 2001, [1961]: 70).

No Brasil o autor apresentou o candomblé autêntico, singular, diferenciando – o do processo religioso vivido na África – ao apresentar uma narrativa que observou os orixás africanos como elementos considerados antepassados dos clãs. Bastide analisou que no Brasil, os clãs são destruídos, pois a escravidão destruiu esses clãs e substituiu por famílias espirituais que são os candomblés (Bastide, 2001). Há uma autenticidade e singularidade presente em cada processo que envolve o candomblé no Brasil. Recife difere do Maranhão, por exemplo. Notamos em diversas passagens da obra bastidiana que há referência do candomblé para os negros como uma forma de resistência física e simbólica.

Como em toda boa experiência e escrita etnográfica os dados sempre mudam conforme a movimentação local do etnógrafo. O detalhamento dos processos de construção dos argumentos etnográficos, especialmente encarados como produtos ou experiências da interação entre o etnógrafo e as pessoas envolvidas na pesquisa, pode permitir uma melhor compreensão do leitor da robustez dos argumentos defendidos pelo autor (Jacobson, 1991).

A habilidade de Bastide com campos diversificados do conhecimento, desde o folclore, passando pela literatura e as artes plásticas, permitem olhar para o Brasil através de um sincretismo em que é observado o “tom europeu” predominante. É identificado no decorrer da narrativa de Bastide os alicerces primeiros da noção de etnicidade. Também é percebido na narrativa a comunidade negra se organizando politicamente, universos de crenças e práticas na projeção do ideal de reconhecimento das diferenças que identificam e qualificam o negro na sociedade. Com o candomblé descrito por Bastide, verificamos que os cultos afro-brasileiros são mais do que a decantação da África a partir dos mestiços. Há, portanto, algo “muito singular neste fenômeno”, (Bastide, 2001 [1961]). É a diversificada herança cultural da África unida com os valores éticos e comportamentais dos negros brasileiros que constituem a singularidade de um fenômeno religioso e social.

É preciso salientar que a presente leitura etnográfica dedicou atenção à publicação de um livro a partir de uma tese consagrada ao problema das transformações, das interpretações e das metamorfoses resultantes dos contatos de ‘civilizações’ no Brasil. Portanto, o livro

publicado para um “público maior” possui preocupações claras em atingir leitores não especializados. Algumas informações presentes no momento da elaboração da tese propriamente foram omitidas ou modificadas.

Em síntese, a etnografia de Bastide analisou importantes fontes teóricas e metodológicas no período de sua elaboração, alinhando inteligentemente diferentes técnicas de pesquisa com uma profunda e respeitosa revisão bibliográfica sobre o assunto, sendo referência fundamental para pesquisadores, professores e interessados brasileiros e estrangeiros na temática apresentada.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, 1972. Gaston. Conhecimento comum e conhecimento científico. In: *Revista Tempo Brasileiro*. n. 28,.
- BASTIDE, Roger. 1985. *As religiões africanas no Brasil: contribuição para uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- BASTIDE, Roger. 2001. *O Candomblé da Bahia: rito Nagô*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CARNEIRO, Édison. 1986. *Os candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,.
- CSORDAS, Thomas. 2004. Evidence of and for what?. In: *Anthropological theory*. vol. 4.
- DAS, Veena. 1998. Wittgenstein and anthropology. *Annual Review of Anthropology*, vol. 27.
- ENGELKE, Matthew. 2008. The objects of evidence. *Journal of the Royal Anthropological Institute*,.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 2005. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “Être Affecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, vol 8:3-9.
- FRY, Peter. 1986. *Galius africanus est ou como Bastide se tornou africano no Brasil*. In: Olga Von Simson (org.). *Revisitando Terra de contrastes*. São Paulo: FFLCH/CERU.
- HALBWACHS, Maurice. 2006. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- JACOBSON, David. 1991. *Reading ethnography*. New York: State University of New York.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982. *As estruturas elementares do parentesco*. São Paulo: Edusp.

MARCUS, George E; CUSHMAN, Dick. 1982. Ethnographies as texts. In: *Annual Review of Anthropology*. Vol. 11.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. 1978. Roger Bastide: religião e ideologia. In: *Religião e sociedade*. n. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ORTNER, Sherry. 2006. *Anthropology and social theory: culture, power, and the acting subject*. Durham: Duke University Press.

VERGER, Pierre. 1978. Roger Bastide. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. n. 20..